



## Práticas informacionais de adolescentes e a confiança nas urnas eletrônicas

### *Informational practices of adolescents and trust in electronic ballot boxes*

Simone de Souza Santos 

Mestra em Ciência da Informação  
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
[smnsouza@gmail.com](mailto:smnsouza@gmail.com)

Carlos Alberto Ávila Araújo 

Doutor em Ciência da Informação  
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
[carlosaraujofmg@gmail.com](mailto:carlosaraujofmg@gmail.com)

#### Resumo

Esse artigo traz alguns dos resultados da pesquisa de mestrado que apresenta o contexto atual de pós-verdade, desinformação e circulação de *fake news* sobre as urnas eletrônicas. Está ancorado sob a perspectiva social da Ciência da Informação e no modelo teórico de estudos em práticas informacionais. Tem como objetivo investigar a partir das práticas informacionais dos adolescentes nas redes sociais, quais os critérios usados para a construção ou reafirmação do seu posicionamento em relação a credibilidade e aceitação das urnas eletrônicas utilizadas no processo eleitoral. Os dados que compõem a pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com 15 adolescentes estudantes do Ensino Médio, com idades entre 17 e 18 anos que já possuíam o título de eleitor. Constatou-se que os adolescentes utilizam as redes sociais para estudar, se informar e se divertir. De modo geral, os participantes demonstraram preocupação com os efeitos negativos da circulação de *fake news* no ambiente digital. Todos os entrevistados afirmaram confiar na segurança e eficiência das urnas eletrônicas, essa credibilidade foi construída a partir da confiança nas autoridades responsáveis pela organização e divulgação do processo eleitoral.

**Palavras-chave:** práticas informacionais; desinformação; redes sociais; urnas eletrônicas; adolescentes.

#### Abstract

*This article brings some of the results of the master's research that presents the current context of post-truth, disinformation and circulation of fake news about electronic ballot boxes. It is anchored under the social perspective of Information Science and the theoretical model of studies in informational practices. It aims to investigate from the informational practices of adolescents in social networks, which criteria are used to build or reaffirm their position regarding the credibility and acceptance of electronic voting machines used in the electoral process. The data that make up the research were collected through semi-structured interviews with 15 adolescent high school students, aged between 17 and 18 years who already had a voter registration. It was found that adolescents*



doi: [10.28998/cirev.2024v11e15915](https://doi.org/10.28998/cirev.2024v11e15915)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 08/02/2023

Aceito em: 30/11/2024

Publicado em: 25/12/2024

*use social networks to study, inform themselves and have fun. In general, participants showed concern about the negative effects of the circulation of fake news in the digital environment. All respondents stated that they trusted the security and efficiency of electronic voting machines, this credibility was built on trust in the authorities responsible for organizing and disseminating the electoral process*

**Keywords:** *informational practices; misinformation; social networks; voting machine; teenagers.*

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2022, o processo eleitoral brasileiro esteve sob ataque, através das redes sociais e dos aplicativos de mensagens as informações enganosas circularam inclusive, com a contribuição frequente das falas do então presidente Jair Bolsonaro e de seus aliados sobre a uma suposta fragilidade das urnas eletrônicas.

A campanha de desinformação executada por Bolsonaro insuflou boa parte dos seus apoiadores a praticar atos ilícitos que buscasse defender os interesses do ex-presidente. Com isso, com a vitória do presidente Lula, vários atos violentos foram executados por seus apoiadores.

Foram organizados bloqueios nas estradas, acampamentos nas portas dos quartéis defendendo pautas antidemocráticas, vandalismo em e também a instalação de um artefato explosivo próximo ao aeroporto de Brasília na véspera do natal. E por fim, o episódio que ficou marcado como “dia 08 de janeiro de 2023” em que as sedes dos três poderes foram atacadas por uma multidão de golpistas, causando a destruição do patrimônio público sem precedentes.

Todas essas ações foram motivadas principalmente por desinformação sobre o processo eleitoral ao longo do ano, e que ganhou mais força nas redes sociais quando Bolsonaro demorou em reconhecer a derrota no segundo turno, influenciando pessoas no sentido de que seus atos poderiam reverter o resultado do pleito.

O consumo diário de grande quantidade de informação e a maneira com que vários usuários, em especial os adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, passaram a se relacionar com a informação mediada por algoritmos (Bezerra, 2017), constituindo as redes sociais digitais como um espaço de interação, de aprendizagem e de fontes de informação importante para sua vida cultural, acadêmica e social (Kimm; Boase, 2019), tem proporcionado o acesso à desinformação em uma velocidade nunca vista.

Após observar o expressivo engajamento desses adolescentes no processo de alistamento eleitoral, importa conhecer e compreender a percepção que eles possuem sobre a segurança e a confiabilidade das urnas eletrônicas, bem como suas práticas informacionais nas redes sociais digitais com relação à busca, uso e compartilhamento de informação diante desse contexto de desinformação e de pós-verdade com difusão de informações falsas, manipuladas ou imprecisas sobre a idoneidade do processo eleitoral.

Esse artigo traz alguns dos resultados da pesquisa de mestrado que investigou a capacidade dos adolescentes em estabelecer confiança nas urnas eletrônicas, bem como os critérios utilizados na construção dessa confiança, sob a perspectiva de práticas informacionais, porque nesta abordagem é possível capturar “o que é propriamente humano nos usuários da informação: sua capacidade imaginativa, criadora, na apropriação da informação” (Araújo; Duarte; Dumont, 2019),

## 2 REFLEXÕES SOBRE O DESARRANJO INFORMACIONAL: DESINFORMAÇÃO E PÓS-VERDADE

Marcado por uma importante desordem informacional, promovida principalmente pela ampla divulgação nas redes sociais digitais, fenômenos como a desinformação e a pós-verdade estão presentes no cotidiano de toda a sociedade brasileira e, tem impactado a tomada de decisão das pessoas em diferentes aspectos da vida cotidiana. Nesta nova era as informações falsas são utilizadas como estratégia político-ideológica para descredibilizar instituições democráticas tradicionais e promover a quebra da confiança nas mesmas, criando uma tendência à crença em teorias conspiratórias, tendo, assim, um campo favorável para a desinformação (D’Ancona, 2018).

Lúcia Santaella (2018) entende que a pós-verdade pode ser estruturada por dois processos: o primeiro é a formação das “bolhas” ou “câmaras de eco” nas quais os indivíduos ficam isolados, fechados a novas ideias, assuntos e informações importantes, sobretudo na política, e acabam se expondo quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo. “Essa unilateralidade pode gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante” (Santaella, 2018, p.62).

O segundo processo que estrutura a pós-verdade é a propagação de notícias falsas, definidas por Santaella (2018, p. 250) como “notícias, estórias, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras” e que podem influenciar as crenças das pessoas, manipulando politicamente ou causando confusões em prol de interesses escusos. Assim, apesar de as bolhas não serem a causa das notícias falsas, elas colaboram no seu processo de propagação.

Com isso, O que se discute como desinformação nesse estudo, está relacionado com o conceito defendido por Brisola e Bezerra (2018, p.3319), que entendem que atualmente o termo desinformação tem sido utilizado para descrever um cenário complexo com ações que envolvem “informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde”. Essa prática está diretamente ligada à intenção dos disseminadores de desinformação, que se apoiam em três principais fragilidades da sociedade:

**Crenças pessoais:** as ideologias pessoais constituídas ao longo do tempo são a principal fragilidade para atingir um indivíduo; **Ganhos pessoais:** quando um indivíduo cria uma desinformação para lucrar de alguma maneira; **Psicológicas:** constituem-se das emoções e dos sentimentos vinculados à informação, ou seja, uma informação tendenciosa que se apoie nas emoções de determinado grupo (Heller; Jacobi; Borges, 2020, p. 196, grifo nosso).

Esse cenário informacional complexo característico do atual momento tem influenciado a formação da opinião pública, especialmente com relação ao campo eleitoral, e, muitas vezes decisões são tomadas com base em sentimentos, frequentemente, sentimentos de medo e ódio em detrimento de fatos objetivos e informações baseadas em evidências.

Nas últimas eleições, o Brasil presenciou campanhas baseadas em notícias falsas e/ou enviesadas através do uso de plataformas de redes sociais que se tornaram um “instrumento primordial na estratégia de determinados grupos para atrair tráfego digital,

engajar ou até mesmo influenciar debates, desmobilizar opositores e gerar falso apoio político”. (Ruediger, 2019, p.3).

Em 2022, “a tática da desinformação política estava em pleno funcionamento, amparada em rede com ampla capilaridade e impulsionada por diversos agentes públicos e privados que compõem um verdadeiro ecossistema de disseminação de desinformação política” (Barreto Junior, 2021, p.42).

Com a possibilidade de qualquer pessoa criar conteúdo e expressar sua opinião através dos novos recursos tecnológicos digitais e sem qualquer verificação ou julgamento editorial, as *fake news* foram amplamente impulsionadas, especialmente quando o assunto traz alguma polêmica ou discordância entre polos ideológicos opostos.

As urnas eletrônicas foram os principais alvos de *fake news*, produzidas e divulgadas por pessoas comuns, autoridades políticas, veículos de comunicação. O impulsionamento de *fake news* foi provocado intencionalmente com fins eleitorais pelo ex-presidente Bolsonaro, o objetivo era descredibilizar o processo eleitoral para que, caso o resultado não fosse favorável, haveria um motivo para mobilizar e engajar seus os eleitores em ações a seu favor.

Um evento que marcou a atuação incisiva de Jair Bolsonaro em atacar sem provas as urnas eletrônicas foi a reunião com embaixadores, que aconteceu em julho de 2022, antes de a campanha oficial iniciar, com o objetivo de reforçar tese de que o sistema eleitoral é falho, que as urnas eletrônicas não são confiáveis. Neste evento, ele atacou Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (Landim, 2022).

Uma das estratégias de desinformação utilizadas ao longo dos últimos anos foi desacreditar as urnas através de um conjunto de práticas informacionais de algumas autoridades políticas e influenciadores digitais por meio de mecanismos e técnicas identificadas por Brisola (2021, p. 80) como a “Orientação que é a argumentação para conduzir a opinião pública a apoiar determinada conduta”.

O tipo de desinformação por orientação que foi aplicado às urnas eletrônicas é o de criar um problema para oferecer soluções, com isso ao propagar que elas não são seguras, a solução seria o voto impresso ou o “voto auditável”, a partir dessa constatação, a população é conduzida a reagir de acordo com a ação pretendida, no caso das urnas, descredibilizá-las.

Não por acaso, entre os dias 25 de julho e 26 de setembro, o NetLab, grupo de pesquisa da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), analisou mais de 4 mil mensagens publicadas no WhatsApp e no Telegram com informações falsas questionando a integridade das eleições brasileiras. Essas informações citavam supostas evidências de fraude nas urnas e também orientações de uso do celular na seção eleitoral, ato que é proibido por lei. (Braun, 2022)

### **3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS DOS SUJEITOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS**

A discussão sobre os estudos em práticas informacionais é relativamente recente, quando comparada a outros tipos de abordagens de investigação de estudos de usuários. Diferentes autores têm apresentado definições e compreensões acerca do termo que possui ênfase nos processos de uso da informação pelos indivíduos com enfoque nos aspectos sociais da vida cotidiana (Mata, 2022).

A evolução dessa investigação está baseada nos estudos em práticas informacionais, pois tem por objetivo a contextualização social do indivíduo, interpretando-o como participante de grupos e comunidades, compreendendo o usuário como um sujeito

informacional (Savolainen, 2007). Permitindo dessa forma, observar os diversos modos como os indivíduos lidam com a informação, aqui entendida como uma construção social vivenciada por sujeitos que atuam, construindo e intervindo diretamente nos fenômenos informacionais (Araújo, 2020).

Savolainen (2007, p. 2) define práticas informacionais como “um conjunto de maneiras social e culturalmente estabelecidas para identificar, buscar, usar e compartilhar as informações disponíveis em várias fontes, como televisão, jornais e a internet”. Conforme seu entendimento, o mundo nos oferece categorias, com informações boas e/ou ruins, informações confiáveis e/ou não confiáveis e nós temos a possibilidade de aderir ou não a tais informações.

A importância do contexto em que o usuário está inserido é destacada e o pesquisador trabalha com a tensão entre o modo de vida (coletiva, social) e o domínio da vida (o quanto nós produzimos categorias para agir no mundo). Com isso, os aspectos sociais e culturais são fatores determinantes na busca e no compartilhamento de informação pelos sujeitos (Savolainen, 2007).

A pesquisadora Pamela McKenzie (2003) entende que práticas informacionais é mais coerente com a ideia de que informação deve ser entendida como algo socialmente construído, estando a sua busca e o seu uso pelos sujeitos orientados de acordo com o contexto. Com isso, ela defende essa abordagem como mais adequada, pois compreende uma dimensão não diretiva, isto é, espontânea e casual, das ações das pessoas com relação à informação. Nesse sentido, McKenzie (2003) desenvolve a noção de *serendipity*, que é a possibilidade de descobrir coisas importantes por acaso ou de encontrar informações relevantes sem estar procurando por elas. No contexto de informações digitais em que o volume e a velocidade que as informações são acessadas, os sujeitos podem ter suas experiências, desejos ou expectativas alteradas ao se depararem com novos conteúdos, conceitos ou dados.

Os sujeitos investigados neste estudo são adolescentes que se relacionam diariamente com a informação acessada por meio digital, através das redes sociais digitais. Eles estabeleceram uma relação diferente com a informação devido ao uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em tarefas rotineiras e habituais; conexão permanente com as mídias digitais; leitura nos monitores de maneira intensa; uso multifuncional dos recursos tecnológicos; polivalência na realização de tarefas em simultâneo; interações em rede; comunicação síncrona e aprendizagem experimental e lúdica, o que conjectura competência no emprego das ferramentas e serviços da web (Furtado, 2013, p.3).

As redes sociais, bastante utilizadas por adolescentes conectam hoje bilhões de pessoas, possibilitando a circulação e o acesso a informações que antes não chegavam aos indivíduos e que agora passam a integrar o seu dia a dia de forma direcionada, “trazendo ao imaginário a concepção de espaços de opinião pública, mobilização e participação” e de ferramenta informativa atualizada (Medeiros, 2013, p.30).

Segundo Paula, Silva e Blanco (2018) “a rede social é a fonte de informação que mais cresce na internet e com frequência tende a se integrar ou ter seus aspectos incorporados a outras fontes”. No entanto, a falta de habilidade das pessoas em verificar a veracidade e a qualidade da informação acessada e compartilhada, pode contribuir com a desinformação, especialmente no contexto de pós-verdade.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apoiou-se em abordagem qualitativa e possui caráter compreensivo, pois busca “captar o significado da informação para os seus produtores e “usuários”, a partir dos contextos histórico e social nos quais os processos informacionais se estabelecem e adquirem determinadas características e sentidos” (Frota, 2007, p.6).

Os participantes da pesquisa são adolescentes com idade entre 17 e 18 anos aptos ao exercício do voto. O grupo é composto por 5 meninos e 10 meninas totalizando 15 alunos de duas turmas do Ensino Médio de uma escola da rede particular de ensino de Belo Horizonte.

O instrumento de coleta de dados adotado foi a entrevista semiestruturada em profundidade, porque ela permite conversas mais longas e detalhadas com os entrevistados. As entrevistas foram realizadas entre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2022 e o roteiro conta com 30 perguntas, divididas em três eixos temáticos, Redes Sociais, Urnas eletrônicas e *Fake news*.

Para a análise e interpretação dos dados, o procedimento selecionado foi a Análise de Conteúdo. Esse procedimento teve como objetivo interpretar o que foi coletado, compreendendo o contexto e as práticas executadas para além das mensagens transcritas.

#### 5 RESULTADOS (ANÁLISES E DISCUSSÕES)

Os resultados serão apresentados conforme os eixos temáticos apresentados no tópico anterior.

##### Eixo Redes Sociais

Com relação ao uso das redes sociais, todos os adolescentes entrevistados declararam que usam diversas redes sociais, para diferentes situações. Eles afirmaram também que gastam muito tempo conectados às essas redes sociais ao longo do dia. As mais citadas foram respectivamente Instagram, Twitter, TikTok, Youtube, Pinterest, Snapchat, Scooby e Be Real.

Dentre os aplicativos de mensagens, o WhatsApp foi citado por todos os entrevistados e o Telegram por apenas dois. E o Spotify foi citado como rede social por dois entrevistados.

Figura 1-Finalidade das redes

REDE SOCIAL	FINALIDADE
Twitter	• Entretenimento; Informar
Instagram	• Entretenimento; Exposição; Informar
TikTok	• Entretenimento
WhatsApp	• Comunicar
YouTube	• Entretenimento; Informar

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Cada rede social apresenta uma forma de integração e de relação entre os seus membros, podendo ser através do compartilhamento de fotos, vídeos ou mensagens. No entanto, a finalidade de uso estabelecida por cada adolescente pode variar conforme demonstrado na Figura 1.

Para os entrevistados, as redes sociais representam diversos vínculos com abrangências e objetivos diferentes, suas práticas nesse ambiente vão desde entretenimento como forma de fugir da realidade, até a utilização como fonte de informação para múltiplos fins. O ambiente das redes sociais pode ser visto como uma extensão do mundo real para esses adolescentes, com aspectos positivos e negativos. Diferentes tipos de relações sociais são construídos através da conectividade, a maneira de estudar ou simplesmente se informar sobre algo ou alguém do interesse pode ser feito através de posts ou vídeos curtos, às vezes em tempo real.

A questão do tempo que se passa navegando nas redes é uma preocupação demonstrada na entrevista, assim como a influência que elas exercem na construção do pensamento e do conhecimento de cada um, remodelando ações, comportamentos e o estilo de vida. Outra prática comum observada por eles são os atos de violência verbal, psicológica e até mesmo física dentro desse ambiente que tem causado danos severos para a saúde desses jovens.

A maioria dos adolescentes (11 entrevistados) respondeu que já selecionaram pessoas ou perfis que apresentam um posicionamento ou uma fala que estejam de acordo com os seus interesses ou que coadunem com suas opiniões. A partir das respostas analisadas, foi possível observar que temas relacionados aos interesses particulares, como hobby e assuntos escolares ou sobre temas específicos como opinião política, discurso de ódio, preconceito e bullying foram relevantes para o grupo na hora de decidir seguir ou não uma pessoa ou perfil em determinada rede social.

As práticas informacionais desses sujeitos ocorrem em meio a outras práticas sociais e cotidianas, podendo ser influenciadas ou até manipuladas, conforme for o contexto de vida deles, assim, decidir seguir um perfil na rede social com base na afinidade de opinião ou de ideias em um momento bastante polarizado, com muita violência verbal e psicológica como o vivenciado durante o período eleitoral, demonstrou que esses adolescentes, para evitar o desconforto ou atrito, adotaram a postura de socializar somente com quem atendessem aos seus interesses, devido a satisfação decorrente disso.

Entre os adolescentes que responderam que não selecionam pessoas ou perfis pelo que elas dizem ou postam, os motivos estão relacionados a não querer julgar as pessoas e em saber respeitar as opiniões diferentes.

Com relação à participação nas diversas redes sociais ou nos grupos dentro das redes, 13 adolescentes relataram que já entraram em alguma rede social seguindo a sugestão de outras pessoas. A maior parte dessas sugestões veio de amigos e familiares.

Sobre os grupos específicos que eles participam nas redes sociais, os mais citados, na ordem abaixo demonstrada foram:

- Grupos de família (WhatsApp);
- Grupos de escola e amigos (WhatsApp);
- Grupos de política (WhatsApp/Telegram);
- Grupos de promoção de livros (Telegram);
- Grupos de jogos (WhatsApp).

A opinião dos entrevistados sobre a existência desses grupos de família (grupo mais citado), bem como os conteúdos compartilhados neles, foi no geral bastante parecida. A maioria disse que os grupos de família são conhecidos por compartilhar desinformação e correntes do tipo religiosas; que as pessoas mais velhas que participam do grupo são as que mais disseminam *fake news* e mensagens preconceituosas, além de ser o local em que está ocorrendo muitas brigas devido à polarização política vivida no país, em especial no momento em que ocorreram as entrevistas, período entre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2022.

O teor das principais polêmicas observadas pelos adolescentes nos grupos de família diz respeito a brigas por divergência política, entre apoiadores dos então candidatos à presidência, Lula e Bolsonaro, discussões sobre o compartilhamento de *fake news* relacionadas às eleições, conteúdos homofóbicos e transfóbicos compartilhados nos formatos de mensagens de texto, áudios, vídeos e memes.

Diante desse cenário de discussões entre familiares, compartilhamento de desinformação e conteúdos preconceituosos, os adolescentes se posicionaram contrários a esse tipo de comportamento e de prática no ambiente digital. Nenhum adolescente entrou nas discussões políticas, a maioria dos que presenciou somente acompanhou através da leitura das mensagens. Outros preferiram nem acompanhar, apenas dois informaram que saíram do grupo por causa das discussões e também dos conteúdos compartilhados neles.

Ao perguntar quais redes sociais eles utilizam para se informar, as duas redes sociais mais citadas como fonte de informação foram o Instagram com nove respostas e o Twitter com cinco. O YouTube foi citado por dois adolescentes e o TikTok por um. Vários outros tipos de fontes também foram citados por eles, tais como: o Spotify, o Google, a TV e os aplicativos de notícia G1 e BBC.

Sobre considerar as redes sociais um bom lugar para se informar, essa pergunta gerou três categorias de respostas: (1) os que consideram que depende de alguns fatores; (2) os que consideram que não é um bom lugar para se informar; (3) o que considera ser um bom lugar para se informar.

Na categoria 1, alguns fatores como: o tipo de rede social utilizada, conhecer as características de *fake news* e saber diferenciar opinião de informação foram apresentados como condição para considerar as redes sociais como boas fontes de informação. Dessa forma, eles demonstram uma prática informacional mais crítica, pois conhecer o perfil de cada rede social junto a habilidade em reconhecer *fake news* e/ou diferenciar uma opinião de uma informação postada são ações fundamentais para se usufruir o que essas redes sociais podem oferecer como fonte de informação.

A categoria 2 representa aqueles que consideram que as redes sociais não é um bom lugar para se informar. Os fatores apresentados são: presença de canais e perfis que só visam visualizações e dinheiro, manipulação de alguns fatos pela mídia para gerar ibope e por considerar o ambiente das redes uma terra sem lei com muita *fake news*.

A rede social não é um bom lugar para se informar na opinião de 40% do grupo pesquisado. Um dos fatores que os levaram a esse posicionamento é a constatação da alta circulação de *fake news*, inúmeras vezes impulsionadas por algoritmos que facilitam a manipulação de fatos inclusive com objetivos monetários. Outro ponto está relacionado à capacidade de verificabilidade por parte de quem já pode estar afetado pelo cansaço informacional decorrente do amplo acesso a esse ambiente,

Na categoria 3, somente uma adolescente considera as redes sociais um bom lugar para se informar. A justificativa é por considerar um local aberto com variedade de pessoas



postando sobre diferentes assuntos. Seu ponto de vista parte da possibilidade do amplo acesso e de ter a chance de acessar diferentes vozes, diferentes temas e a partir dessa variedade “decidir” o que é útil ou não.

Como fonte de informação confiável, os adolescentes consideram: Portais de notícias; Informações baseadas em dados; Fonte de Informação com autoridade; Perfis verificados nas redes sociais; Livros; Canais que tenham embasamento científico. Os perfis citados como tal, foram: Jornais (G1, Globonews, BBC, Tempo, Folha de São Paulo, Metrôpole, Uol); Canais no YouTube (Atila Iamarino, Manual do Mundo, Nostalgia); Professores da escola e dos cursinhos pré-vestibular; Páginas/perfis (Quebrando o Tabu, Mídia Ninja).

Infere-se que os perfis citados como confiáveis são em grande parte consideradas autoridades epistêmicas, ou seja, “entidades cuja função social se estabeleceu em torno da produção ou disseminação de conhecimento e informações” (Monari, 2021), como os professores, o jornalismo representado pelos perfis de veículos de grande circulação e dos representantes da ciência como o biólogo Atila Iamarino.

### Eixo Processo Eleitoral e as Urnas Eletrônicas

No eixo Processo eleitoral e as urnas eletrônicas, verificou-se que dos quinze entrevistados, onze se alistaram em 2022 e quatro em 2021, sendo mais de 50% antes de completar 18 anos, cujo voto é facultativo. Os principais motivos apresentados foram: obrigação eleitoral, recomendação de amigos, familiares, professores e propagandas visualizadas no Instagram e participar da vida política do país;

Com isso, verificamos que além da obrigatoriedade em se alistar e também das diferentes recomendações, tanto de pessoas do círculo pessoal, quando de perfis de redes sociais, existe o desejo de apresentar suas opiniões e pensamentos sobre as questões políticas e efetivamente participar das decisões que afetam diretamente suas vidas.

Apesar de vários entrevistados ao longo das respostas afirmaram não saber muito sobre as urnas eletrônicas, eles apresentaram uma boa percepção sobre o equipamento conforme se verifica na Figura 1 abaixo:

Figura 2 – Nuvem de palavras: impressões sobre as urnas eletrônicas



Fonte: Elaboração própria via WordCloud.com (2023).

As informações que eles possuem sobre as urnas foram obtidas principalmente por meio das redes sociais, da escola, da família e de jornais por meio digital e pelos apresentados na TV.

As práticas informacionais dos adolescentes quanto a complementação ou não da informação sobre as urnas foram diferentes, o grupo se dividiu entre: adolescentes que não procuraram e não tiveram acesso a nenhuma informação adicional, adolescentes que não procuraram, mas tiveram acesso através do TikTok, do Twitter, das redes sociais no geral (indicações de algoritmo), de familiares, de notícias em jornais e na TV e adolescentes que foram pesquisar e tiveram acesso, através do site do TSE, outros sites disponíveis na internet, em perfil de rede social, na TV e nos Jornais.

Nos dois últimos grupos observa-se exemplos das fases do modelo bidimensional de Pamela McKenzie (2003), sendo o primeiro relacionado à noção *serendipity* que é a possibilidade de se fazer descobertas importantes por acaso, na fase de monitoramento não dirigido e no segundo tópico a fase de busca ativa, compreendendo a pesquisa sistemática de um conteúdo.

Com relação aos procedimentos adotados pelo TSE sobre o funcionamento e a segurança das urnas eletrônicas, a maioria dos adolescentes (10) demonstrou ter pouco conhecimento, quatro informaram não ter conhecimento sobre a segurança e o funcionamento técnico da urna eletrônica e apenas um adolescente descreveu corretamente o conjunto de medidas instituídas pela justiça eleitoral para garantir o bom funcionamento e a segurança das urnas.

Para saber se os adolescentes acessaram informações falsas, descontextualizadas ou manipuladas, foi questionado se eles tiveram contato com alguma polêmica sobre as urnas eletrônicas. Somente um adolescente disse não saber de nenhuma polêmica, pois afirmou não vê muita informação sobre elas. Os demais entrevistados afirmaram que tiveram acesso a várias informações polêmicas, sobretudo sobre a possibilidade de fraudes nas urnas.

Apesar de acessar informações descontextualizadas e/ou manipuladas em diferentes ambientes tanto no digital quanto no real, a afirmação da confiança na segurança das urnas foi unânime e os motivos são variados, para os adolescentes, “elas são a melhor forma para contabilizar os votos”, “o voto no papel tem mais chance de fraude”, “são grandes órgãos os responsáveis por cuidar das eleições e noticiadas por grandes jornais”, “confia apesar do pouco conhecimento que tem sobre elas e porque são usadas a muito tempo”, “são confiáveis porque no momento da votação a pessoa pode ver o que está acontecendo” e “é o meio mais avançado que tem” (Entrevistados).

A partir das respostas acima, foi possível identificar através dos motivos, alguns critérios que foram utilizados pelos adolescentes na construção ou reafirmação da confiança nas urnas eletrônicas. O reconhecimento da autoridade epistêmica, e a crença na eficiência tecnológica são os critérios que formam a base da confiança na credibilidade e segurança das urnas. Nesse sentido, a Justiça eleitoral e a Imprensa representam o conceito de autoridade epistêmica. Ambas são instituições epistêmicas que ocupam o lugar de regulador do processo eleitoral e de mediador da informação respectivamente. Tanto a especialização quanto a confiabilidade nessas instituições conformaram um dos critérios utilizados pelos adolescentes para confiar nas urnas eletrônicas.

Portanto, na opinião dos adolescentes, a urna eletrônica é sim confiável e segura, porque são produzidas, utilizadas e organizadas por órgãos que transmitem confiança e transparência e por contar também com a participação dos veículos de comunicação como

responsáveis por divulgar toda e qualquer situação que colocasse o processo eleitoral em risco.

Para além da confiança específica nas urnas eletrônicas, perguntamos se as eleições no Brasil podem ser fraudadas. Com relação à percepção dos entrevistados sobre fraude nas eleições no Brasil, os entrevistados se dividem em dois grupos: os que acreditam que podem ser fraudadas e os que acreditam que não podem. É importante ressaltar aqui que essa percepção não está relacionada ao uso do equipamento urna eletrônica e sim com todo o processo eleitoral em si.

Entre os que acreditam que as eleições podem ser fraudadas, verifica-se o possível acesso a desinformação no ambiente digital (vídeos do TIKTOK) ou pessoalmente, descrença em autoridades e crença na corrupção endêmica brasileira. Todos esses adolescentes que acreditam que podem ocorrer fraudes nas eleições no país, declararam ao longo da entrevista que não tem conhecimento sobre a segurança e o funcionamento técnico da urna ou tem pouco conhecimento. Outra consideração diz respeito ao ambiente familiar, alguns possuem pais que são apoiadores do ex-presidente Bolsonaro e críticos da urna eletrônica, com isso, acredita-se que a influência ideológica familiar tenha contribuído para essa contradição entre acreditar na segurança da urna e desconfiar da lisura do processo eleitoral sejam práticas dos mesmos sujeitos.

Para os que acreditam que as eleições não podem ser fraudadas, todas as afirmativas estão relacionadas à crença na lisura e segurança do equipamento urna eletrônica, bem como, nos responsáveis pela execução de todo o processo eleitoral.

### **Eixo Desinformação / Informação**

Nesse eixo, pretende-se observar o conhecimento dos entrevistados sobre *fake news* e analisar a capacidade desses sujeitos de diferenciar informações de desinformações.

Dentre os quinze entrevistados, onze afirmaram já ter escutado sobre *fake news* na escola, ao analisar os relatos, é possível verificar que o papel da escola foi de instrução e/ou educação sobre o fenômeno das *fake news* através de disciplinas contidas na grade curricular do Ensino Médio como Educação Digital, Informática, Português e Redação e também por meio de campanhas informativas realizadas no ambiente escolar com o objetivo de informar aos alunos que propagar informações sem confirmar a veracidade pode ser prejudicial.

A realidade educacional experimentada por esse grupo ao longo dos anos garantiu um conhecimento prévio importante sobre o tema, possibilitando reconhecer alguns aspectos relevantes como o local em que há maior incidência e seus objetivos. De forma geral, os adolescentes percebem as *fake news* como um conteúdo, um dado ou uma informação incorreta, com intenção de prejudicar alguém.

No ambiente das redes sociais, as *fake news* foram associadas ao Facebook e ao aplicativo de mensagem Whatsapp. Ambas as ferramentas são descritas pelos entrevistados como as que mais propagam *fake news*.

Outro aspecto que emerge nas falas é a associação da disseminação de *fake news* por pessoas mais velhas em especial as usuárias do Facebook. Portanto, o conhecimento prévio dos adolescentes acerca das *fake news* está entrelaçado aos ambientes tradicionais de convívio como a escola, as redes sociais e a família, demonstrando o quão popular se tornou esse assunto, sendo muitas vezes usado de forma generalizada e imprecisa. Há concordância quanto o papel informativo da escola bem como da ampla disseminação de informações

falsas através da internet, em especial pelas redes sociais. É interessante observar que apesar de ser usuários assíduos das redes sociais e do aplicativo de mensagem Whatsapp, nenhum dos entrevistados se identificou como compartilhadores de notícias falsas, delegando essa prática às pessoas idosas.

Indicamos que o conceito adotado nesse estudo é baseado na definição dada por Allcott e Gentzkow (2017) e Brisola e Bezerra (2018), em que *fake news* são notícias falsas com características jornalísticas fabricadas e espalhadas com a intenção de enganar, gerar lucro ou influenciar a opinião pública. Assim, o principal intuito das *fake news* é fazer com que seus conteúdos pareçam ser legítimos, desde a maneira como as informações são transmitidas até a estruturação e nome do domínio dos sites.

Em sua opinião, o que é *fake news*? Essa foi a pergunta elaborada para capturar o conceito do termo entre os entrevistados. A expressão “notícia falsa com a intenção de enganar” fez parte da maioria das respostas, entrelaçada a outras características, motivações e circunstâncias em que as *fake news* são percebidas pelos adolescentes. Esta percepção coaduna com o conceito dos pesquisadores apresentado acima, pois são informações com aparência de notícia, criadas deliberadamente para enganar quem as lê.

De acordo com a opinião desses adolescentes, as *fake news* têm objetivo definido de prejudicar alguém, promover alguém ou alguma ideia ou ainda para ganhar dinheiro. Promover alguém ou alguma ideia é entendido como motivação ideológica para a criação e circulação de *fake news* defendidos por Brisola e Bezerra (2018).

Pessoas que acreditam em uma determinada ideologia e querem atrapalhar, humilhar, desacreditar etc. o “outro lado”, “ajudando” assim o “seu lado”. Em um ciclo vicioso, sustentado pela polaridade alimentada pelos algoritmos e facilitada pelas redes digitais com suas bolhas e câmaras de eco, a ideia de uma supremacia ideológica justifica o uso de *fake news* como meio aceitável para um fim legítimo (Brisola; Bezerra, 2018, p.3326).

Outra motivação apresentada nas entrevistas, diz respeito a questão econômica, *fake news* gera dinheiro, nas palavras de Brisola e Bezerra (2018, p. 3326) é um tipo de negócio lucrativo. Com isso, “quando a informação se tornam produtos que visam lucro, o compromisso com a verdade e a ética são afrouxados, dando espaço para as conveniências comerciais” (Brisola; Bezerra, 2018, p.3326).

Como visto anteriormente, o conceito de *fake news* é ambíguo, e com isso, entre os entrevistados também houve discrepâncias quanto a definição do significado. As afirmativas a seguir resumem a opinião daqueles que não conseguiram delinear o conceito totalmente.

- São informações que espalham muito rápido, porque as pessoas não sabem o que é, e não tem noção da dimensão negativa delas;
- É uma notícia falsa, mentirosa e na internet é muito fácil ter porque qualquer pessoa pode inventar dados, postar e, muita gente não vai conferir;
- *Fake news* é uma notícia não necessariamente criada para ser divulgada falsamente, mas que pode ser usada para comprometer alguém;
- São basicamente mentiras que são criadas para adequar uma situação específica;
- É aquela informação que a pessoa passa para enganar o outro.

Essas opiniões apresentadas nas entrevistas, de certa forma coincidem com as discussões que tem ocorrido nos últimos anos em diferentes ambientes da sociedade, no sentido de caracterizar esse fenômeno pois, as *fake news* são identificadas como uma forma de produção e de circulação de conteúdos falsos, que têm um objetivo específico determinado, fazendo parte de um quadro mais amplo de desordem informacional (Fagundes *et al.*, 2021).

Com relação à capacidade dos adolescentes em avaliar uma informação, a maior parte dos entrevistados disse saber avaliar se uma informação é verdadeira ou falsa. As práticas utilizadas são a identificação da autoridade, a possibilidade de verificação/validação externa e a checagem da credibilidade/confiabilidade da fonte.

A breve descrição dos conceitos, baseada nos estudos de Jacobi e Borges (2023) objetiva ilustrar a construção da avaliação que é feita pelos adolescentes.

O critério de Autoridade está relacionado com a capacidade de identificar o ente que registrou a informação, ou seja, o responsável pela criação intelectual ou artística do conteúdo da informação (Jacobi; Borges, 2023). Apesar de não mencionar os critérios, identificar a fonte e a autoridade se mostrou fundamental para esclarecer a condição da informação, como verdadeira ou falsa e mesmo sem compreender bem esse conceito, os adolescentes conseguem examinar criticamente evidências contidas nas informações, a partir da credibilidade depositada na autoridade responsável pelo conteúdo acessado.

A Possibilidade de verificação/validação externa é um recurso utilizado no trabalho que fazem as agências que têm por finalidade checar informações que circulam no meio digital, conhecidos como verificadores de fatos. Esse critério também foi identificado nas respostas, quando mesmo sem dizer o nome, o Adolescente 06 foi capaz de descrever a função das agências de checagem no combate às fake news. É uma ferramenta que auxilia o indivíduo a avaliar as informações que acessa.

Outro critério assinalado é a Credibilidade/Confiabilidade, ele “visa identificar se a fonte e o conteúdo da informação possuem credibilidade perante o público-alvo, se há transparência e ética profissional ao disponibilizar a informação” (Jacobi; Borges, 2023, p. 390). Para os entrevistados, os veículos de comunicação tradicionais citados, tais como BBC, G1, CNN, são lugares que podem confiar, possuem credibilidade para validar uma informação por considera-los legítimos e reconhecidos entre o meio que vivem.

A dificuldade em verificar se uma informação é verdadeira ou falsa foi informada por aproximadamente 20% dos entrevistados. A adversidade enfrentada pelos adolescentes é bastante comum entre os brasileiros. Observa-se que uma das dificuldades dos adolescentes em identificar se a informação é falsa ou verdadeira, se traduz na maneira com que eles buscam sanar a dúvida. A prática de pesquisar no Google e de ler comentários de terceiros não é considerada como critérios de avaliação da informação.

Essas práticas informacionais podem não ser eficientes para avaliar uma informação e ainda podem incorrer em desinformação, pois confiar que o buscador retornará respostas corretas é uma atitude ingênua, o conteúdo recuperado além de ser vasto, devido à amplitude de recuperação dessa ferramenta, também contém anúncios pagos que podem interferir na recuperação da informação. Outro ponto negativo dessa prática é que a busca ocorre em ambiente de mediação algorítmica, que “personaliza o que cada usuário obtém como resposta uma espécie de espelho unilateral que reflete tão só e apenas nossos próprios interesses” (Santaella, 2018, p. 7).

O problema dessa personalização é que ela é feita por filtros de máquinas de buscas ou das redes sociais, promove a segregação ideológica e acabam por formar as chamadas

“câmaras de eco” que omitem a presença de opiniões divergentes, com isso, ler comentários de terceiros que estão no mesmo espectro não contribui para detectar a falsidade ou veracidade de uma informação.

Uma observação necessária diz respeito à condição de desenvolvimento intelectual e de habilidades informacionais que esses adolescentes estão vivenciando. O comportamento demonstrado reflete o contexto informacional a que estão submetidos, se por um lado a influência da escola e dos professores garantem uma prática mais crítica e o reconhecimento de critérios adequados para qualificar a informação, do outro a interferência das redes sociais pode favorecer a produção das câmaras de eco ou do chamado efeito bolha, mantendo-os isolados em seus grupos, em seus pontos de vista, dificultando o processo de avaliação da informação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa está centrada em temas que fazem parte do contexto social e informacional contemporâneo, o processo eleitoral brasileiro de 2022 foi diretamente impactado pelos fenômenos de desinformação e pós-verdade que ganharam amplitude através do amplo acesso às redes sociais. No decorrer do estudo, observamos diferentes ataques direcionados ao processo eleitoral antes, durante e até mesmo depois do pleito.

Apesar do amplo acesso a conteúdos desinformativos sobre as urnas eletrônicas, verificados em diferentes perfis e redes sociais utilizadas, todos os adolescentes demonstraram total confiança no equipamento, destacando a questão da segurança como ponto principal. Nessa disputa entre a desinformação circulante das redes sociais e a informação obtida através da escola, verificou-se que através da educação formal é possível desenvolver um pensamento crítico capaz de promover nos indivíduos competências para lidar com as informações da vida cotidiana, nas ações de busca, uso e apropriação da informação.

Os prejuízos que o fenômeno da desinformação pode trazer para a democracia impõe uma agenda de estudos e investigações com outros grupos sociais e outros eventos que são ou que foram impactados pelas *fake news* ou pela cultura da pós-verdade, a fim de criar estratégias de combate para evitar o caos no ambiente informacional que influencia negativamente a opinião pública, criando insegurança, desconfiança e desestabilizando os regimes democráticos pelo mundo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 35-48, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v20.ed41.2020.79>. Acesso em: 01 fev. 2022.

ARAÚJO, C. A. A.; SIRIHAL DUARTE, A. B.; DUMONT, L. M. M. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, número especial, p.85-101, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3895>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BARRETO JUNIOR, I. F. Desinformação como Estratégia Política: *Fake news* sobre urnas eletrônicas e o ataque permanente às instituições democráticas. In: CZYMMECK, Anja (ed.). **Cadernos Adenauer XXII (2021), n. 1: impactos das eleições 2020 e da pandemia no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2021, p. 39-54.

BEZERRA, A. C. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 68-81, out./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2936>. Acesso em: 05 ago. 2022.

BRAUN, J. Conspiração e apuração paralela: a desinformação sobre urnas que circula no WhatsApp e Telegram às vésperas da eleição. **BBC News**, 01 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63097867>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRISOLA, A. C.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “*Fake news*”: distinções, diagnóstico e reação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 2018, Londrina, **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 3316-3330. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BRISOLA, A. C. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: Diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporânea. 2021, 295f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165>. Acesso em: 20 mar. 2023.

D’ANCONA, M. **Pós verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *Fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018, 142p.

FROTA, M. G. da C. Desafios teórico-metodológicos para a Ciência da Informação: descrição, explicação e interpretação. In: REIS, A. S. dos; CABRAL, A. M. (orgs.). **Informação, cultura e sociedade**: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007.

FURTADO, C. C. Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, 2013, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ABC, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1244>. Acesso em: 15 fev. 2022

HELLER, B.; JACOBI, G.; BORGES, J. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 49, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 01 ago. 2022.

KIMM, J.; BOASE, J. Teens’ everyday information practices on mobile media: “catching up” and “reaching out”. **Proceedings of the Association for Information Science and Technology**, v. 56, n. 1, p. 137-146, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pra2.12>. Acesso em: 03 dez. 2022.

LANDIM, L. A embaixadores, Bolsonaro volta a questionar urnas e atacar ministros. **O Tempo**, Belo Horizonte, 18 jul. 2022. Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/politica/governo/a-embaixadores-bolsonaro-volta-a-questionar-urnas-e-atacar-ministros-1.2701403>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MATA, M. L. Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 37-57, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/Rw6SwH7zdr5ngCzWB34JcMc/>. Acesso em: 01 set. 2022.

MCKENZIE, P.J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00220410310457993>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MEDEIROS, J. S. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. **Transformação**, campinas, v. 25, n. 1, jan./abr., 2013, p.27-33. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/55V8ZbVsCHtdP6CCRrXgbWB/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCHETTA P. H.; VIEIRA, J. Música na era do streaming: curadoria e descoberta musical no Spotify. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 258-292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-02004911>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PAULA, L. T.; SILVA, T. R. S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e Fontes de Informação: um estudo sobre *fake news*. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 93-110, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47681/rca.v3i1.16764>. Acesso em: 10 mar. 2022.

RUEDIGER, M. A. (coord.) **Desinformação nas eleições 2018: o debate sobre fake news no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/29093>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SAVOLAINEN, R. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the “Umbrella Concepts” of Information-Seeking Studies. **Library Quarterly**, v. 77, n. 2, p. 109-132, apr. 2007.